

ENTREVISTA COM A ESCRITORA OLINDA BEJA PARA A *CALETROSCÓPIO*

INTERVIEW WITH THE WRITER OLINDA BEJA FOR *CALETROSCÓPIO*

ASSUNÇÃO DE MARIA SOUSA E SILVA ¹

Universidade Estadual do Piauí/Universidade Federal do Piauí

<https://orcid.org/0000-0002-4258-1398>

asmaria06@gmail.com

A professora Olinda Beja é uma das autoras mais produtivas das literaturas africanas de língua portuguesa. Sua extensa obra está constituída de romances, contos, literatura infanto-juvenil e poemas. Neste ano de 2022, a autora completa 30 anos de vida literária, com vários prêmios e reconhecimento do público leitor de seu país e, especialmente, do Brasil. Nesta entrevista, a poeta de São Tomé e Príncipe nos fala do início da carreira de escritora, do que motiva seus escritos, da terra, da literatura conectada ao seu chão e do diálogo com outras poetisas de seu país e de seu tempo.

1. Maria Olinda Beja Martins Assunção, conhecida como Olinda Beja, com satisfação realizou esta entrevista com você para a Revista *Caletrosópio*, quando completa 30 anos de seu primeiro livro *Bó Tendê?*, publicado em 1992. Você é uma das autoras africanas que escreve em português com extensa e arrojada produção. Como tudo isso começou? Por que você escreve?

A minha estreia no mundo da literatura aconteceu de uma forma lúdica, pois embora tenha escrito desde muito jovem, nunca tive no meu pensamento editar em livro “as mágoas” que ia desaguando nas páginas dos cadernos. Esse dia surgiu quando, numa festa com estudantes africanos, comecei a dizer poemas, tendo

¹ Doutora em Letras-Literaturas de Língua Portuguesa pela Puc Minas. Professora Adjunta da Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Professora Titular da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

despertado a curiosidade de alguns presentes, que me “obrigaram” a por tais poemas em livro. E assim foi que nasceu *Bó Tendê?*, a 5 de fevereiro de 1992, chegando este ciclo até ao momento presente, pois que no passado ano de 2021 saiu *Kilélé, a Dança Sagrada do Falcão*. Escrevo para contagiar os outros, os que gostam de me ler, com a minha força de amor pela Natureza, pela vida, pela família, pela paz e sobretudo pelo amor ao chão pátrio, onde uma mãe teve a esperança de rever a filha, ao fim de trinta e sete anos de ausência.

2. Você saiu de São Tomé e Príncipe ainda menina, fez morada em vários países, onde estudou, desenvolveu sua formação acadêmica e exerceu a função de professora. Sua saída de São Tomé e Príncipe e o contato com a cultura estrangeira, em que contribuíram para formar a escritora que temos hoje? E já pensando sobre a outra ponta do ciclo, o retorno à terra natal lhe deu ou ainda lhe dá quais motivações para continuar seu fazer literário?

Sem dúvida alguma que a vivência em vários pontos do mundo deu-me outra dimensão educacional, histórica e também de compreensão com as diversas estruturas sociais e políticas que encontrei em todos os lugares por onde passei e vivi. A formação acadêmica em muito contribuiu para a minha desenvoltura, não só como docente, mas também como humanista, pois exerci a profissão em Portugal e na Suíça, um país de estruturas educacionais e sociais bem diferentes da terra lusa. Colhi imensas experiências nas diversas vivências e também nas diversas viagens feitas até hoje. Apesar de tudo, continuo a encontrar na terra natal inspirações e motivações para desenvolver o meu percurso literário. Mesmo sendo um país com pequena dimensão territorial, tem um manancial histórico imenso, que ainda dará muitas páginas de livros, se tiver vida e saúde para isso.

3. Sua vida literária é laureada em diversos momentos. Só para citar alguns, você foi agraciada com a Bolsa de Criação Literária e com o prêmio Literário Francisco José Tenreiro, em 2013; em 2020, recebeu o prêmio Lusofonia 2020, na área da literatura; e, o mais recente, Destaque Especial 2021 – Maria Clara Machado, atribuído pela Academia Internacional da União Cultural. Sabemos que esses prêmios funcionam como consagração do/a escritor/a no cenário cultural. Qual o real significado desses prêmios para você?

Para mim, os prêmios funcionam mais como um estímulo para continuarmos no caminho que escolhemos e amamos e através do qual os outros se sentem felizes. A consagração é um caminho muito mais longo, talvez até muito mais trabalhoso.

4. Um dos meios de difusão das literaturas nos países africanos, por exemplo, são as entidades que congregam os/as autores/as para evidenciá-los/as. Você integra a UNEAS – União dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe. Qual a importância dessa agremiação e o que ela tem feito para propagar a produção literária e promover novos leitores em São Tomé e Príncipe?

Sim, a UNEAS funcionou muito bem nesse ponto de vista de dar a conhecer além fronteiras os seus escritores nacionais. Isso aconteceu durante anos, em que teve na direção a grande e saudosa poeta e política Alda Espírito Santo, cujo lema era o amor extremo ao seu país. Alda vivia e viveu sempre para a terra que a viu nascer. A partir do seu desaparecimento físico, a UNEAS ressentiu-se da sua falta e ainda não se recompôs daquela figura ímpar que tivemos naquela agremiação durante anos. Veremos se os próximos anos nos conseguem preencher com dignidade aquele lugar vazio.

5. Como ressalta o professor brasileiro Amarino Queiroz (2015, p. 10-11), no prefácio de *A sombra do Oká*, publicado no Brasil, em 2015, pela Escrituras Editora, sua obra está emoldurada “por uma busca da origem”, traduzida “na evocação nostálgica da infância e na tentativa de compreender, através dos meandros da rememoração, sua própria pertença geográfica e afetiva”, e revela “a consciência de uma identidade cultural que se afirma mesclada, híbrida, marcada pela diferença”. Conte-nos como seu solo pátrio potencializa continuamente seus escritos?

Os franceses dizem que todos nós andamos sempre “em busca do tempo perdido”! Acreditei nisso plenamente quando em setembro de 85 me deparei com a mãe e toda a família materna, com vizinhos, com as crianças da roça, com a água cristalina e quente das praias, com os cafezais e cacauzais floridos, com as aves exóticas que penso só existirem no paraíso. E é exatamente neste êxtase que se dá a minha tentativa de rememoração, a tentativa de pertença total ao “meu” chão pátrio, do qual tinha sido “arrancada” em terra

idade. Aliás, minha mãe disse nesse primeiro reencontro e repetiu sempre que eu deveria riscar o ano em que nasci, pois para ela eu nascia naquele momento. Muita gente, mesmo meus patrícios, ainda não perceberam (ou não querem perceber) essa minha pertença. É assim que o meu chão me enche de “riquezas” para os meus livros. Eu dou valor ao paraíso que ali está pois que nunca tive um parecido, apesar das dificuldades que se vivem no dia a dia.

6. Alguns estudos sobre sua produção enfatizam a inegável apropriação da oralidade e dos elementos culturais são-tomenses e isso nos conduz a observar, a partir da afirmação da professora são-tomense Inocência Mata (2015, p. 16), “a metonímia da alma comunitária”, que “tanto desenha o vivido [...] quanto se projecta no futuro propondo uma harmoniosa conciliação entre Natureza e Cultura, inspiração e criação”. Aproveito tal argumento para saber em que medida a palavra capturada e acurada edifica sua poética.

A conciliação entre Natureza e Cultura é para mim um dos focos permanentes na minha escrita. Como não aproveitar a sabedoria popular quando se encontra em pleno mato alguém que sobreviveu ao tempo do contrato, ao tempo do chicote, do abuso desenfreado, e nos diz para nos sentarmos e o ouvirmos contar a sua história? Isso é um diamante da alma comunitária, que depois poderemos lapidar a nosso bel prazer. Acho que isso é transmitido nas minhas obras de uma forma que os leitores gostam. A minha preocupação foi e será sempre fazer com que o poema ou o conto entrem no coração do leitor, que ele sinta a beleza do que ali está escrito. Criar barreiras nos meus textos nunca fez parte da minha forma de ser nem de escrever.

7. Desde *Bó Tendê? a Kilélé, a dança sagrada do Falcão*, o/a leitor/a se depara com o solo, a seiva, a frondosidade discursiva, que celebram o vivencial, aludindo à história e à cultura são-tomense. Esse contar da gravana e poetizar encontra caminho através de imagens, ritmos e sons da terra, numa reafirmação e preservação da memória ancestral. Que vozes estão em sua produção literária que você gostaria que fossem ouvidas?

Desde o início da minha escrita que me debato com o saber encontrar o melhor caminho para chegar ao coração do outro, a quem pouco ou nada lhe interessa do meu “eu”. Então, nessa busca, tentei trazer a

público as vozes das nossas raízes ancestrais, dos nossos contadores de histórias, das gentes simples que ainda estão “aquarteladas” nas roças, descendentes dos antigos contratados, mas que são portadores de grandes mananciais históricos, porque ainda os viveram. Trago as vozes da nossa floresta quando elas clamam contra o derrube indiscriminado, do mar, das crianças e dos velhos, que ainda precisam do nosso amor e da nossa compreensão.

8. São Tomé e Príncipe no século XXI – Que país é esse sob o olhar de Olinda Beja?

Um país de gente maravilhosa, pura, boa, simples, mas que ainda não encontrou o rumo certo. Ainda continua à deriva, sem descortinar que precisa de saber na realidade quais são as prioridades para sair da crise em que se encontra. Não basta ter uma paisagem paradisíaca, ter uma floresta que não deixa ninguém morrer à fome... É preciso traçar as coordenadas que levem o povo a viver com dignidade e não passar a vida de mão estendida a empréstimos do estrangeiro. É preciso traçar caminhos que nos levem a bom porto; e, para isso, terão de dar à juventude os dois pilares onde assenta uma sociedade – a saúde e a educação. Sem isso e continuando a dependência ao estrangeiro, estamos sujeitos a perder a nossa identidade, e isso será uma perda irreversível e dramática. Tenhamos esperança em melhores dias.

9. É recorrente estabelecer relação entre as autoras que escrevem hoje e as que escreveram no passado, como forma de vislumbrar uma linhagem feminina nos sistemas literários. Então, quando lemos sua obra, é plausível a ponte interlocutória com Manuela Margarido, por exemplo. Para finalizarmos esta entrevista, deixo duas indagações: o que é ser uma mulher escritora em São Tomé e Príncipe e em que as autoras de ontem, Maria Manuela Margarido e Alda Espírito Santo, e de hoje, Conceição Lima, Goretti Pina e Olinda Beja, entre outras, contribuem para a dinamização da literatura são-tomense? O que trazem de diferencial?

Desde que li pela primeira vez Maria Manuela Margarido senti que estava ali a minha ponte. Adoro os seus poemas, os sentimentos neles expressos, e só lamento que esteja tão “esquecida” no panorama literário santomense. Ser mulher escritora em São Tomé e Príncipe é lidar com imensas dificuldades, pois ainda não

há uma editora, uma livraria digna desse nome, um meio de difusão para que outros valores despontem com a certeza que vão ser lidos e espalhados em outros países. Cada uma de nós, os nomes da literatura santomense, vamos tentando que a cultura tenha um lugar digno que ela merece. Isto é um pensamento muito meu, muito próprio. Sinto que é ainda um longo caminho a preencher – dar dignidade ao mundo da escrita.

10. Em 2005, você foi condecorada pela Ordem da Comenda dos Países Irmãos (S. Tomé e Príncipe/Brasil), nas Minas Gerais. No Brasil, amplia-se o número de leitores/as de suas obras, especialmente, *À sombra do Oká*. Há algum livro a ser lançado brevemente por aqui ou em outro país?

Este ano em que se comemoram os meus trinta anos de vida literária, há dois livros a serem editados. Um de contos e outro para o público infanto-juvenil. Pelo menos sei que um deles me levará ao meu país-irmão, o que é e será sempre muito gratificante para mim.

Muito obrigada pela entrevista.

Assunção M S Silva

REFERÊNCIAS

MATA, Inocência. In: BEJA, Olinda. *À sombra do oká*. São Paulo: Escrituras, 2015, p. 16.

QUEIROZ, Amarino Oliveira de. [Prefácio] Lugares ao sol para a poesia de São Tomé e Príncipe: Olinda Beja, *À Sombra do Oká*. In: BEJA, Olinda. *À sombra do oká*. São Paulo: Escrituras, 2015, p. 7-11.